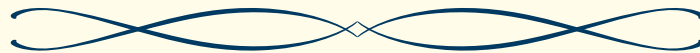


SCIENTOLOGY,  
CIÊNCIAS SOCIAIS  
*e a*  
DEFINIÇÃO  
DE RELIGIÃO



JAMES A. BECKFORD, PH. D.  
Professor de Sociologia  
Universidade de Warwick  
Inglaterra

DEZEMBRO DE 1980



SCIENTOLOGY,  
CIÊNCIAS SOCIAIS  
*e a*  
DEFINIÇÃO  
DE RELIGIÃO





SCIENTOLOGY, CIÊNCIAS SOCIAIS  
E A DEFINIÇÃO DE RELIGIÃO

# ÍNDICE

I.	Definições Funcionalistas	2
II.	Definições Materiais	3
III.	Conclusão	5



DEZEMBRO DE 1980

# SCIENTOLOGY, CIÊNCIAS SOCIAIS *e a* DEFINIÇÃO DE RELIGIÃO



James A. Beckford, Ph. D.  
Professor de Sociologia  
Universidade de Warwick  
Inglaterra

As minhas observações tratam da questão de saber se Scientology deve ser definida como uma religião de acordo com o critério convencionalmente usado pelos cientistas sociais especializados na análise do que eles consideram ser fenómenos religiosos.

Os cientistas de ciências sociais utilizam uma grande diversidade de conceitualizações e definições de religião. A escolha de conceitualização e de definição reflete tanto uma ampla variedade de pressupostos subjacentes sobre a natureza da realidade social como variações no propósito de conceitualizar ou definir religião. Dado o carácter geralmente instrumental (e distinto de apreciativo ou avaliativo) do entendimento das ciências sociais, não é de estranhar que os conceitos e as definições sejam julgados, não em termos da sua veracidade ou falsidade mas, pelo contrário, em termos da sua utilidade relativa. A principal medida da utilidade de definições e conceitualizações rivais é, em especial, a sua capacidade diferencial de separar claramente um determinado fenómeno de outros fenómenos, de tal maneira que se possa mostrar que as diferenças revelam factos significativos acerca delas.

As definições<sup>1</sup> podem variar, então, com os propósitos em causa, mas tal não quer dizer que haja total relatividade ou anarquia. Há dois tipos gerais de definição de religião que os psicólogos,

---

<sup>1</sup> Por motivos estilísticos, vou deixar de mencionar «conceitualização», mas ela constitui um processo analítico separável que normalmente precede o processo de definir fenómenos.

os sociólogos e os antropólogos usam: a funcionalista e a material. Além disso, cada tipo tem subtipos. O meu argumento é que, com base em contactos pessoais com Scientologists e no estudo académico dos ensinamentos, práticas, organização e consequências nas vidas dos seus seguidores, creio que Scientology pode ser definida de forma mais proveitosa como religião do que como qualquer outro tipo de empresa.

## I. DEFINIÇÕES FUNCIONALISTAS

Uma definição funcionalista é aquela que chama a atenção para as contribuições alegadamente feitas pelo fenómeno em questão para a estabilidade e/ou sobrevivência de uma entidade social ou cultural. Assim, é possível mostrar que os fenómenos são funcionais para entidades que vão desde o indivíduo até ao sistema mundial. Esta forma de definir coisas levanta muitos problemas filosóficos e tem preocupado muitos lógicos, mas esse facto não impediu que ela atingisse popularidade entre os cientistas sociais — especialmente em relação à religião.

Pode dizer-se que a religião tem a capacidade funcional:

- (a) a nível pessoal, de ajudar as pessoas a superar problemas de desequilíbrio de personalidade, de identidade própria, sentido da vida, valores morais, etc.;
- (b) a nível comunal, de integrar pessoas potencialmente desenraizadas em grupos e associações que fornecem orientação e significado na vida pessoal, bem como pontos de referência úteis em sociedades de grandes dimensões, em que o indivíduo se pode sentir vulnerável a um sistema ou uma burocracia todo-poderosa, ou
- (c) a nível social, de providenciar legitimação para a ordem social existente; compensação para privações sentidas; e regulação moral das inter-relações entre as principais instituições sociais.

Os ensinamentos básicos de Scientology sobre a natureza espiritual do *thetan* (ser espiritual) e as Oito Dinâmicas; os objetivos práticos dos seus cursos de formação e serviços de aconselhamento; e o tom reverencial e de reflexão de algumas cerimónias de Scientology, tudo isso me convence que, tal como outras religiões, Scientology pode ser proveitosamente descrita como funcional em cada um dos níveis acima referidos. Isto não é, evidentemente, uma pretensão de que só as religiões têm estas funções. Pretende apenas argumentar, em primeiro lugar, que Scientology *realmente* as partilha com outras religiões e, em segundo lugar,



que os seus meios para as concretizar são mais semelhantes, em aparência e objetivos, aos das religiões comumente definidas pelo senso comum do que, digamos, a grupos políticos ou organismos de assistência social.

Definir religião em termos de função pode ser útil em alguns casos de análise científico-social: pode lançar luz sobre muitos aspetos interessantes da sua variada contribuição para a vida social. Tendo em conta a dificuldade óbvia de, nesta perspetiva, distinguir entre religião e ideologias, no entanto, uma definição funcionalista não pode ir longe na direção de salientar a particularidade da religião. Por este motivo, uma definição material pode ser mais proveitosa.

## II. DEFINIÇÕES MATERIAIS

É evidente para mim que o Professor Parrinder, o Professor Pocock e Canon Drury sugeriram critérios pelos quais um fenómeno pode qualificar-se como religioso num sentido material. Quero com isto dizer que eles dão várias razões para restringir a aplicação do termo «religião» a fenómenos que exibem propriedades definidas que não ocorrem juntas noutros fenómenos.

A forma mais marcada de definições materiais defende que a religião tem uma essência ou uma natureza essencial de cuja natureza se pode ter a certeza apenas pela intuição e pela introspeção. Assim, Rudolf Otto afirmou que a religião era um «... elemento primário da nossa natureza psíquica que precisa de ser compreendido puramente na sua singularidade e não pode ser explicado a partir de nenhuma outra coisa». (*The Idea of the Holy [A Ideia do Sagrado]*. Harmondsworth: Penguin Books, 1950, p. 141.) Na sua opinião, a singularidade das experiências religiosas reside nas suas diferenças radicais em relação a todas as outras experiências: elas foram as experiências do «Todo Outro». Os elementos de circularidade e de intemporalidade neste tipo de raciocínio são problemáticos e têm impedido a maioria dos cientistas sociais de fazer uso de definições essencialistas. As atrações são, no entanto, inegáveis.

A tendência mais frequente dos cientistas sociais tem sido o uso de definições «estipulativas» de religião. Assim, eles estipularam que, para os seus propósitos e sem reivindicar uma validade universal para as suas opiniões, «religião» deve ser identificada fazendo referência a certas características. Para o antropólogo M. Spiro, por exemplo, a religião é «uma instituição que consiste numa interação padronizada culturalmente com seres sobre-humanos culturalmente postulados». («Religião: problemas de definição e explicação» em M. Banton ed. *Anthropological Approaches to the Study of Religion [Abordagens Antropológicas do Estudo da Religião]*. Londres: Tavistock, 1966, p. 96.) No entanto, nem todos os cientistas sociais insistem na referência a

«seres sobre-humanos». P. Worsley, um outro antropólogo, acha mais útil definir a religião como uma «dimensão para além do campo empírico-técnico». (*The Trumpet Shall Sound* [A Trombeta Soará]. Londres: MacGibbon e Kee, 1957, p. 311.) Esta preferência por uma definição material, mas bastante inclusiva, é partilhada por muitos sociólogos. A definição bem conhecida e oficial de R. Robertson, por exemplo, estipula que

a cultura religiosa é o conjunto de crenças e símbolos... referentes a uma distinção entre uma realidade transcendente, entre empírica e super-empírica: estando os assuntos do empírico subordinados em importância aos do não-empírico. Em segundo lugar, definimos a ação religiosa simplesmente como: ação modelada pelo reconhecimento da distinção empírica/super-empírica. (*The Sociological Interpretation of Religion* [A Interpretação Sociológica de Religião]. Oxford: Blackwell, 1970, p. 47.)

Não serviria de nada mencionar mais exemplos de definições materiais estipulativas, uma vez que os exemplos citados são representativos das maneiras habituais de definir religião para o propósito de análise pelas ciências sociais.

Usando os critérios de definição implícitos nas definições de Spiro, Worsley e Robertson, não pode haver dúvida de que a Scientology se qualifica como religião para os propósitos de análise pelas ciências sociais. A filosofia do homem que está subjacente a Scientology pressupõe que a pessoa é composta de um corpo material e de um espírito não-material que goza de vida imortal num reino não-empírico. A crença na realidade dos thetans é um pré-requisito lógico para apoiar os rituais, cursos de formação prática, serviços de aconselhamento e programas de reforma social de Scientology. Não haveria justificação satisfatória para as formas específicas da religião de Scientology na ausência de crença na existência e na superioridade de uma realidade transcendente não-empírica. De facto, no ponto de vista do autor da análise sociológica de Scientology com mais autoridade, o fundador e líder do movimento orientou-se progressivamente mais para questões sobre as origens do thetan, conhecimento de vidas passadas e «as capacidades sobrenaturais que o indivíduo pode adquirir através da prática de Scientology». (R. Wallis, *The Road to Total Freedom* [O Caminho para a Liberdade Total]. Londres: Heinemann, 1976, p. 124.)

As ações de um Scientologist empenhado seriam moldadas e orientadas pela distinção entre empírico e super empírico. O Professor Parrinder demonstrou, de forma eficaz, como os rituais de Scientology incorporam um elemento de adoração e veneração que está em

consonância com os ensinamentos subjacentes sobre a realidade não-empírica e o Professor Pocock sublinhou os paralelos claros entre Scientology e as Grandes Tradições das religiões hindu e budista em relação à sua compreensão semelhante da relação imanente entre Deuses ou espíritos e a humanidade.

### III. CONCLUSÃO

A minha conclusão é que a Scientology, embora diferindo claramente da maioria das igrejas, denominações e seitas cristãs em crenças, práticas e estruturas organizacionais, satisfaz no entanto os critérios convencionalmente aplicados pelos cientistas sociais ao distinguir entre religião e não-religião.

O facto de a base material para a religião de Scientology estar organizada à maneira de empresa não pode ter implicações no seu estatuto de religião. Uma obra de arte deixa de ser uma obra de arte quando é eficientemente produzida para ser vendida ou cambiada? É ingénuo pensar que qualquer novo movimento religioso poderia sobreviver no mundo moderno sem uma base material do tipo comercial para o seu funcionamento, e como Canon Drury salientou, mesmo as antigas igrejas cristãs atualmente não são avessas a envolver-se em negócios para manter ou promover os seus serviços junto dos membros atuais e potenciais. À falta de benefícios de heranças de bens, donativos, mecenato e filiação por «direito de primogenitura», os novos movimentos religiosos têm de atuar como empresas ou perecer.

JAMES A. BECKFORD

*dezembro de 1980*



## ACERCA DO AUTOR

*Quando o Professor Beckford escreveu «Scientology, Social Science and the Definition of Religion» (Scientology, Ciências Sociais e a Definição de Religião) em 1980, ele era Professor de Sociologia na Universidade de Durham. Atualmente é Professor de Sociologia na Universidade de Warwick.*

